

A PRESENÇA DE RAYMOND WILLIAMS EM PESQUISAS DA ÁREA DE EDUCAÇÃO: UM OLHAR A PARTIR DAS REGIÕES SUL E SUDESTE DO BRASIL

André Luiz Sena Mariano
Lucélia Carla da Silva dos Anjos

Resumo: Este artigo objetiva trazer as reflexões acerca do modo como o pensamento de Raymond Williams e o seu materialismo cultural estão sendo tratados em pesquisas na área de Educação, a partir das regiões sul e sudeste do Brasil. Para tanto, optamos por uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, que objetivou analisar a produção brasileira entre os anos de 2005 a 2016. Conforme análise, constata-se que a presença de Williams dentro da área definida ainda se mostra incipiente e quando ocorre é de maneira bastante pontual; fato que revela a potencialidade do pensamento do autor ainda a ser explorada na realidade brasileira, como, por exemplo, nos estudos sobre políticas públicas educacionais. Conclui-se que também é preciso pensar a realidade cultural de nosso país a partir de diálogos entre os autores especificamente brasileiros, dando destaque a uma necessária relação crítica entre os pensadores europeus e os nossos.

Palavras-chave: Raymond Williams, pesquisa em educação, materialismo cultural.

La presencia de Raymond Williams en investigaciones del área de educación: una mirada a partir de las regiones sur y sudeste del Brasil

Resumen: Este artículo tiene como objetivo reflexionar acerca de cómo el pensamiento de Raymond Williams y su materialismo cultural están siendo tratados en investigaciones en la Educación, a partir de una mirada de las investigaciones de las regiones sur y sudeste de Brasil. Para ello, optamos por una investigación cualitativa de cunho bibliográfico, que objetivó analizar la producción brasileña entre los años 2005 a 2016. Conforme el análisis, se constata que la presencia de Williams dentro del área definida todavía se muestra incipiente y cuando ocurre es de manera bastante puntual; esto revela la potencialidad del pensamiento del autor todavía a ser explorada en la realidad brasileña, como, por ejemplo, en los estudios sobre políticas públicas educativas. Se concluye que también hay que pensar la realidad cultural de nuestro país a partir de diálogos entre los autores especificamente brasileños, dando destaque a una necesaria relación crítica entre los pensadores europeos y los nuestros.

Palabras clave: Raymond Williams, investigación en fundamentos de la educación, materialismo cultural.

The presence of Raymond Williams in education area research: a view from the south and southeast regions of Brazil

Abstract: This paper aims at reflecting on how Raymond Williams' perspective and his cultural materialism are being treated in research in the area of Education from the south and southeast regions of Brazil. We chose a qualitative bibliographical research that aimed at analyzing the Brazilian production between the years 2005 to 2016. Based on the analysis, the results shows that the presence of Williams within the defined area is still incipient and when it occurs is quite enough puntual; this fact reveals the potentiality of the author's thinking still to be explored in the Brazilian reality as, for example, in educational public policy studies. It is concluded that it is also necessary to think about the cultural reality of our country based on dialogues between the Brazilian authors, highlighting a necessary critical relationship between European thinkers and ours.

Keywords: Raymond Williams, research on education, cultural materialism.

Introdução

Este texto, inserido em uma pesquisa mais ampla, procura analisar a forma como o autor galês Raymond Williams, considerado um dos fundadores dos Estudos Culturais, se faz presente nas pesquisas em educação. Para tanto, utiliza como recorte a área de fundamentos da educação, sobretudo considerando as disciplinas de Sociologia da Educação, História da Educação, Filosofia da Educação, Antropologia da Educação e Psicologia da Educação, e problematiza a forma como os conceitos e os pressupostos teórico-metodológicos deste autor colaboram para a produção de conhecimento educacional no Brasil. Assim, o texto, num primeiro momento, apresenta alguns

aspectos da biografia do autor, procurando mostrar as íntimas relações entre sua trajetória pessoal e profissional; num segundo momento, o texto problematiza, por meio de um levantamento bibliográfico, as contribuições desse pensador para as pesquisas em fundamentos da educação. Por fim, argumenta sobre a ainda incipiente presença desse autor e aponta possibilidades de trabalhos futuros acerca de sua obra.

Raymond Williams: sua pessoa e seu projeto intelectual

Raymond Williams é um importante teórico, conhecido não apenas por seus trabalhos sobre cultura, como também por ser um dos fundadores da chamada Nova Esquerda Inglesa, da disciplina Estudos Culturais e um dos maiores críticos de tradição literária britânica do século XX. Porém, apesar de suas contribuições teóricas no campo da cultura sua presença é bastante incipiente na área de Educação, fato que tentaremos mostrar a seguir.

Em função dessa presença pontual, acreditamos na necessidade da exposição de alguns elementos de sua biografia, uma vez que, conforme assevera Cevasco (2001), a obra do autor e, portanto, o seu projeto intelectual dos Estudos Culturais, se relaciona com sua vida pessoal. Tal aspecto pode ser verificado, por exemplo, na maneira como ele propõe reflexões a partir da sua experiência cotidiana, chegando à formulação do conceito de cultura como algo ordinário, comum. Sendo assim, Cevasco indica que a história de Williams é:

Uma história individual como tantas, que contém, como as boas histórias de romance, a alegoria de um movimento histórico mais amplo, que, no caso, possibilitou a ida de gente da classe do narrador [se referindo a Williams], de uma escolinha de vila para a mais tradicional universidade britânica (CEVASCO, 2001, p. 45).

Essa história iniciou-se em 1921, em Pandy, no País de Gales – Grã-Bretanha, quando Raymond Williams nasceu. Ele passou a infância nesse vilarejo que era composto por pequenas fazendas familiares e que fazia fronteira com a Inglaterra. Apesar da proximidade com a Inglaterra, esses conjuntos de fazendas em que Williams vivia eram bem diferentes do padrão inglês, composto por proprietário, fazendeiro e trabalhador.

Foi em meio a essa fronteira, geográfica e cultural, que Williams cresceu. Seu pai, advindo de uma família de agricultores, começou a trabalhar na ferrovia aos 15 anos de idade. Por conta da expansão da indústria, a maioria das famílias começou a migrar em busca de melhores condições, já que a economia das fazendas era bastante instável. Muitos, como seu avô, por exemplo, não eram donos da própria terra e tiveram que deixar as fazendas onde trabalhavam para atuar nas minas de carvão ou como caixeiro (WILLIAMS, 2015). O seu pai trabalhava em uma ferrovia que era vista como um dos melhores empregos da região. Os trabalhadores da ferrovia eram sindicalizados e altamente politizados. Eles tinham uma visão mais ampla da sociedade, pois liam muito e apoiavam o Partido Trabalhista e, principalmente, nas palavras do próprio Williams, não eram homens de rabo preso com a política (WILLIAMS, 2013).

Ainda muito jovem, Williams começou a frequentar a *Grammar School*¹. Essa escola impunha uma educação inglesa, fazendo com que muitos estudantes galeses negassem sua própria identidade nacional. Na verdade, o País de Gales nunca foi considerado uma nação verdadeiramente; seu povo tinha uma forte existência cultural, com traços que permitiam constatar elementos específicos de sua comunidade; entretanto, isso não se mostrou suficiente para que ele fosse reconhecido como país independente².

Para Williams, não era nada anormal ser considerado brilhante, pois dentro da história de Gales, os intelectuais, em sua maioria, eram oriundos de famílias pobres. Nesse sentido, Williams confessa que não entendia, naquela época, a dimensão do distanciamento entre a *School* e o vilarejo, porque não via sentido nesse tipo de separação (WILLIAMS, 2011b).

Williams terminou rapidamente o seu curso e fez o exame para o *Higher School Certificate*³. Nesse período, o diretor, com o apoio do pai de Williams, o indicou para a Universidade de Cambridge, na qual foi admitido, em 1939, sem realizar nenhum tipo de exame. Williams só tomou conhecimento desse processo quando já havia sido aceito.

Williams vai dessa formação social para o confronto com o ápice da cultura oficial inglesa, assim como, é claro, o núcleo cultural do sistema de classes, ao ganhar uma bolsa de estudos que o leva a Cambridge. Mas deixa sempre muito claro que sua experiência preponderante foi ter nascido nesse lugar e nessa formação de classe (CEVASCO, 2001, p. 1).

Apesar de ter sido o seu primeiro contato com a universidade e de isso ter ocorrido a partir da influência de seu pai, ele não se sentiu menosprezado ou oprimido. Em suas palavras: “não era uma nova espécie de animal que havia galgado uma posição única” (WILLIAMS, 2015, p. 6).

Porém, confessa que não estava preparado para a universidade, pois não conhecia nada a esse respeito. Para amenizar esse distanciamento, se inscreveu em diversas atividades que julgou interessante, como o *Rugby* e o clube Socialista. Este último serviu como um refúgio e também como um alicerce com o qual conseguiu praticar sua escrita, defender suas ideias e aprender mais: “Foi um lar fora de casa” (WILLIAMS, 2015, p. 24).

Como Williams sempre se destacava em tudo que participava, em Cambridge não foi diferente. Era sempre convidado a palestrar e logo foi chamado a filiar-se ao Partido Comunista. Nele permaneceu até 1941, quando foi convocado para a II Guerra Mundial, época definida por ele como aterrorizante. Williams confessa ainda carregar culpa pelos momentos de covardia e pelos momentos de pura agressividade ao lembrar-se das experiências vividas em dias de luta.

Embora o Partido Trabalhista e o Partido Comunista fossem vistos como opositoristas, pelo fato de o primeiro ser considerado reformista e o segundo revolucionário, Williams não sentia essa diferença entre as perspectivas. Em suas próprias palavras: “eu não estava consciente de qualquer

¹ “Grammar Schools são instituições públicas de ensino secundário do Reino Unido que selecionam seus alunos entre os melhores estudantes do ensino primário” (WILLIAMS, 2013, p. 12).

² A discussão acerca dos conflitos políticos, culturais e identitários que compõem o território britânico, embora relevante, escapa ao escopo deste texto.

³ “Certificado emitido para os alunos que concluíram o ensino médio” (WILLIAMS, 2013, p. 14).

antagonismo trabalhista-comunista, como posições divergentes a serem escolhidas [...] para muitos socialistas, o comunismo era um braço do movimento trabalhista” (WILLIAMS, 2011b, p. 18).

Muitos autores classificam Williams como um teórico marxista, (ARAUJO; MOTA NETO, 2012), porém Williams afirma que “há uma espécie de rotulagem banalizada com a palavra ‘marxista’ que se tornou paulatinamente comum durante os anos 1960 e agora é tida como natural” (WILLIAMS, 2015, p. 97). Williams chegou a pesquisar sobre ele mesmo na anatomia da Grã Bretanha e o viu descrito como: o professor marxista de Comunicações. Como ele não era professor e não lecionava comunicações, tinha uma dúvida em relação à profundidade do outro termo.

Sua dúvida era compreensível pela banalidade que as pessoas conferiam a certos termos. Isso porque, antes desse tempo, mas da mesma forma banal, atribuíam também o termo “comunista” a qualquer um, sendo depois substituído por “marxista”. Sua preferência, porém, ao descrever alguma posição particular, seria de que alguém ainda devesse ser chamado de comunista ou socialista revolucionário ao invés de simplesmente marxista, mesmo com todas as dificuldades que essa descrição possa causar.

Williams afirma, em vários de seus textos (WILLIAMS, 2011a; 2015), que a discussão entre o pensamento marxista e o socialista é uma questão muito complexa. De acordo com ele, é preciso tomar cuidado para não reduzir toda uma tradição do pensamento socialista – a qual o marxismo é tributário – ao nome e à obra de um só pensador, ainda que tenha sido inegavelmente o seu maior nome.

Sendo assim, concentrar toda essa tradição, dentro da qual muitos homens participaram, em um só nome, era, para Williams, contraditório ao que ele pensa ser o verdadeiro espírito desse regime. Portanto, segundo o autor:

se me pedissem afinal para definir a minha própria posição diria o seguinte. Acredito na necessária luta econômica da classe trabalhadora organizada. Acredito que seja a atividade mais criativa de nossa sociedade, como indiquei há alguns anos ao chamar as grandes instituições de classe trabalhadora de realizações culturais criativas, bem como de os primeiros instrumentos indispensáveis da luta política. Acredito que não seja necessário abandonar uma perspectiva parlamentar como uma questão de princípio, mas como uma questão prática [...]. Acredito que o sistema de significados e valores que uma sociedade capitalista criou deva ser derrotado no geral e nos detalhes por tipos mais sustentados de trabalho intelectual e educacional (WILLIAMS, 2015, p. 112).

Enfim, Williams se posiciona dentro de um marxismo contemporâneo, desde que seu propósito abranja a uma área mais ampla e consiga reaprender os significados da totalidade.

Quando terminou a graduação, em 1946, não se sentiu motivado a escrever uma tese. Principalmente por motivos econômicos, optou por lecionar para Jovens e Adultos no *Worker's Educational Association* (WEA), um projeto de instrução universitária para adultos. Estava determinado a realizar outros projetos, como escrever um roteiro de um filme e montar um periódico com dois amigos.

Um de seus projetos foi concretizado em 1947, quando foi lançado o periódico *Politics and Letters*. Tal periódico de cunho político-literário tinha a intenção de intervir na vida cultural e política da sociedade. Esse seria o início de sua carreira profissional.

Seu primeiro livro publicado em 1958, *Culture and Society: 1780-1950*, foi o prelúdio para sua ascensão. Sua intenção foi de “ir contra a apropriação de uma longa linhagem de pensamento sobre cultura feita a partir de posições, naquele momento, indubitavelmente reacionárias” (WILLIAMS, 2013, p. 88). Nesse mesmo ano foi publicado seu ensaio mais importante: *Culture is ordinary* (1958), recentemente traduzido no Brasil como “A cultura é algo comum” (2015)⁴.

Sobre essa obra, Cevasco destaca que:

O ensaio apresenta três movimentos básicos, os mesmos que definem grande parte da sua obra: uma reformulação teórica; a correspondente reavaliação da tradição que esta reformulação obriga; e a constituição de um novo campo, uma ação decorrente dessa reavaliação (CEVASCO, 2001, p. 43).

Após se tornar membro da *New Left*⁵, atuou junto à *New Left Review* (Revista da Nova Esquerda), sempre com uma perspectiva de mudança em relação à concepção sobre cultura.

Cevasco (2001, p. 120) classifica a obra de Williams em três grupos: o primeiro grupo, contendo as obras mais “engajadas”, como *The Long Revolution* e *Towards 2000*, entre outras; o segundo grupo, que trata da crítica à literatura, entre as quais se destacam a obra de “juventude” *Reading and Criticism*, *Drama from Ibsen to Brecht*, *Modern Tragedy*, *The English Novel from Dickens to Lawrence*, *The Country and the City*; e o terceiro grupo, o da teoria, cujas obras mais importantes são: *Keywords*, *Marxism and Literature*, *The Sociology of Culture* e por alguns dos ensaios em *Problems in Materialism and Culture*⁶.

Seus livros alcançaram um grande sucesso, por conta disso, Williams foi convidado a retornar a Cambridge, em 1961, para atuar como professor de Dramaturgia (1974–1983). Foi também professor visitante de Ciências Políticas na *Stanford University*, em 1973. Em 1983, ele se aposentou. Porém, continuou escrevendo, passando seus últimos anos em *Saffron Walden*, onde se dedicou a suas obras ficcionais.

Suas experiências pessoais e suas raízes contribuíram demasiadamente para sua visão diferenciada em relação à forma de conceber o binômio cultura/sociedade, e em relação, sobretudo, ao pensamento marxista, predominante à época, que secundarizava e por vezes omitia uma discussão que estivesse para além do mecanicismo econômico. Tal postura se refletiu em toda sua obra. Como bem ressalta Cevasco:

O que se tem na obra de Williams é consequência de uma posição teórica: se a cultura é uma produção central e organiza os significados e valores de uma determinada

⁴ Texto traduzido por Nair Fonseca e João Alexandre Peschanski.

⁵ *New Left* é uma expressão que designa Nova Esquerda. Trata-se de inúmeros movimentos políticos contestadores de um marxismo hegemônico que ficou conhecido como economicismo. Em outras palavras, não havia qualquer discussão que colocasse em pauta outras esferas da vida social, reduzindo todas as explicações dela ao critério econômico. Dentre alguns dos grandes nomes desse movimento, Williams e Edward Thompson reivindicavam a premissa da inseparabilidade das estruturas sociais e, portanto, o aspecto cultural, por exemplo, passava a ser tão importante quanto o econômico.

⁶ Muitas de suas obras já foram traduzidas para o português: *O povo das montanhas negras* (1991); *Tragédia moderna* (2002); *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade* (2007); *Drama em cena* (2010); *Cultura e materialismo* (2011); *Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell* (2011); *O campo e a cidade: na História e na Literatura* (2011); *Política do modernismo: contra os novos conformistas* (2011); *Cultura* (2012); *A política e as letras* (2013); *A produção social da escrita* (2014); *Recursos da esperança* (2015); *Televisão: tecnologia e forma cultural* (2016).

sociedade, ela atua nas diferentes esferas, e olhar, por exemplo, a política do ponto de vista da linguagem em que é veiculada é forma potente de se conhecer o que determinada formação articula ou oculta (CEVASCO, 2001, p. 121).

As obras de Williams foram fundamentais para a expansão e o entendimento dos Estudos Culturais, pois, em primeiro lugar, passaram, por exemplo, a permitir que a produção literária não fosse mais concebida como algo alijado da realidade social concreta; em segundo lugar, ao assumir a literatura para além de uma produção idealista, ele contribuiu para que ela pudesse ser pensada a partir de uma relação profunda entre produção e reprodução, ou seja, ao mesmo tempo em que a literatura, como manifestação cultural, permite a reprodução dos elementos sociais dominantes, ela se mostra capaz de produzir novas percepções da realidade. Tal argumentação fica visível a partir de seu livro mais conhecido no Brasil, *Culture and Society* (1958), em que Williams abordou a história literária britânica, procurando problematizar a perspectiva de que ela não teria aproximação com a prática social dos homens.

Suas obras, então, influenciaram diversas áreas de conhecimento, como, por exemplo, Estudos Literários, Comunicação Social e Sociologia da Cultura. Sua luta contra o poder hegemônico e a favor da democracia nos traz um debate reflexivo muito importante para a compreensão das relações sociais em geral e educacionais em particular, especialmente, acerca dos questionamentos sobre quem decide o que é relevante culturalmente, quem atribui esse valor cultural a certos elementos e quem detém o controle da produção cultural. Para ele, por exemplo, seria importante refletir e problematizar sobre a organização curricular, pois, o problema não é o que compõe o currículo, mas o que está fora dele (WILLIAMS, 2015).

Como vemos, Williams é autor de um vasto acervo e é reconhecido por suas obras complexas pautadas, também, em suas experiências particulares. Nessas obras, Williams propõe o materialismo cultural⁷; seu projeto intelectual que provocou grandes modificações no campo teórico da cultura, “Mas não se trata de uma modificação vitoriosa, que se tornou hegemônica e, portanto de fácil explicitação na sintaxe acadêmica corrente” (CEVASCO, 2001, p. 116), trata-se de um projeto complexo em que Williams conseguiu formular uma teoria da cultura como um processo produtivo (material e social) e das práticas específicas, as “artes”.

No que se refere a isso, o seu materialismo cultural compreende que é preciso dar atenção, por exemplo, ao sistema educativo, pois ele seria capaz de contribuir para a participação de todos/as em uma democracia educada. Ademais, Williams destaca que é preciso reconhecer que todos os grupos sociais são produtores de manifestações culturais igualmente válidas, pois a cultura é de todos, é ordinária, é cotidiana. Em suma, para o autor, devemos iniciar reconhecendo essa assertiva e, outrossim, o fato de que a cultura é um dado objetivo da realidade, mas que é subjetivamente vivido e sentido. A cultura é, portanto, parte constitutiva da realidade social, tal qual o são outros diferentes sistemas, como, por exemplo, o econômico, o jurídico, o político e o religioso.

A este respeito, é possível apontar, de acordo com Taborda de Oliveira, que Williams “Defendeu insistentemente a ideia de um socialismo democrático, portanto, de uma cultura comum,

⁷ De acordo com Williams, o materialismo cultural é uma teoria das especificidades da produção cultural, e literária material, dentro do materialismo histórico (WILLIAMS, 1979).

não autoritária e aberta à experiência, em franca oposição às formas cada vez mais refinadas e sutis de dominação desenvolvidas pelo capitalismo tardio” (TABORDA DE OLIVEIRA, 2014, p. 259).

Williams é um autor que defendeu uma cultura comum (ou seja, algo que é cotidiano e que ocorre nas mais simples manifestações da vida social) e conseguiu, em função disso, um alcance considerável em suas obras. Entretanto, Cevasco (2001), ao escrever sobre alguns aspectos de sua vida pessoal, afirma que não tem a intenção de reparar um esquecimento em relação a ele, mormente se olharmos para a penetração de suas ideias no contexto brasileiro. Para ela, já existem diversas obras de sua autoria, inclusive traduzidas ao português, faltando, talvez, um engajamento ao aporte de suas obras.

Outros dados, como as pesquisas de Araujo e Mota Neto (2012) comprovam que a obra de Williams ainda é pouco explorada no Brasil. Até a data da publicação das pesquisas dos autores, não havia nenhum grupo de pesquisa do CNPq pautado e/ou fundado na obra de Raymond Williams; no banco de teses da Capes aparecem exíguos trabalhos que relacionam a teoria de Williams às pesquisas na área educacional, sendo apenas oito produções: quatro dissertações de mestrado e quatro teses de doutorado; o portal de periódicos da Capes, registra apenas 19 artigos relacionando o autor à educação, sendo, nesses textos, apenas citado sem um aprofundamento necessário.

É, principalmente, por conta desses resultados apontados pelas pesquisas realizadas por Araujo e Mota Neto (2012) e Cevasco (2001), as quais indicam que o autor não obtém nas pesquisas em educação um engajamento e um aprofundamento necessários, que se torna relevante ampliar os estudos que se ancoram no pensamento de Williams.

A presença do materialismo cultural de Raymond Williams em pesquisas da área de educação

Toda pesquisa científica deve ter como pressuposto rigor metodológico, clareza em seus objetivos, conhecimento e aprofundamento do tema a ser trabalhado. Segundo Gil,

Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema (GIL, 2002, p. 17).

Assim, uma pesquisa acadêmica é, segundo Silveira e Córdova:

a atividade nuclear da Ciência. Ela possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar. A pesquisa é um processo permanentemente inacabado. Processa-se por meio de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo-se subsídios para uma intervenção no real (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 31).

Nesse sentido, esta pesquisa, em particular, procurou trazer as reflexões acerca do modo como Raymond Williams e, sobretudo, seus conceitos estão sendo tratados em pesquisas em educação. Para isso, definimos, então, como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, por acreditarmos ser o procedimento mais adequado para compreender a presença do autor nas pesquisas da área de educação.

Em relação a esse procedimento, que, por muitas vezes, vem aparecendo como revisão da literatura ou revisão bibliográfica, Lima e Miotto advertem que:

Isto acontece porque falta compreensão de que a revisão de literatura é apenas um pré-requisito para a realização de toda e qualquer pesquisa, ao passo que a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimento de busca por soluções atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório (LIMA; MIOTTO, 2007, p. 38).

Sendo assim, a “pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto” (GIL apud LIMA; MIOTTO, 2007, p. 40).

Por conta dos limites de um texto dessa natureza, utilizamos alguns critérios e alguns recortes que julgamos necessários para a coleta de dados. Segundo Lima e Miotto (2007), devemos seguir alguns parâmetros, pois eles nos ajudarão na orientação e seleção do material que será utilizado na pesquisa. Primeiramente, devemos nos orientar pelo parâmetro temático (LIMA; MIOTTO, 2007). Iniciamos dentro desse parâmetro, a procura de obras dentro da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do IBICT que estivessem relacionadas ao nome de Raymond Williams na área da educação. Fizemos um recorte pela área do conhecimento em que este trabalho se insere, ou seja, respeitando as áreas mais próximas ao campo dos Fundamentos da Educação, a saber: História da Educação, Filosofia da Educação, Sociologia da Educação, Psicologia da Educação e Antropologia da Educação. Depois, de definido o foco do trabalho, partimos para o parâmetro linguístico (LIMA e MIOTTO, 2007). Nessa fase optamos por escolher obras em língua portuguesa, uma vez que o foco era compreender a contribuição de Williams para as pesquisas em educação no Brasil.

O terceiro passo é o parâmetro cronológico de publicação (LIMA; MIOTTO, 2007): nessa fase é definido o período a ser pesquisado. No caso deste trabalho, selecionamos os trabalhos publicados entre os anos de 2005 a 2016. Tal critério procurou levar em consideração a facilidade de acesso aos trabalhos e também a exiguidade de tempo para a execução da pesquisa. Todavia, faz-se mister explicar que, um primeiro recorte cronológico ficou estabelecido entre 2010 e 2016; como o número de trabalhos encontrados foi muito reduzido, resolvemos ampliar para um período de 5 (cinco) anos o recorte inicial, o que, infelizmente, não alterou o corpus de análise.

O terceiro passo é o das principais fontes que se pretende consultar (LIMA; MIOTTO, 2007). Como fonte das obras para este trabalho, optamos pelas teses dissertações presentes na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Justificamos a nossa escolha pela grande importância do site, que é reconhecido como a biblioteca digital mais completa do Brasil, pois reúne, em um só portal de busca, as teses e dissertações defendidas em todo o país e também, teses e dissertações defendidas por brasileiros no exterior e que estão disponibilizadas na internet⁸.

⁸ Com isso, já somos levados a reconhecer uma fragilidade de nosso banco de dados, pois sabemos da existência de estudos que se ancoraram no materialismo cultural de Williams, mas que não estão disponíveis na internet. Ao que tudo indica, a disponibilização de trabalhos é uma política recente e ainda não conseguiu abranger a totalidade de trabalhos defendidos no país.

O último passo, considerando o curto espaço de tempo e os imperativos de um trabalho dessa natureza, é o que chamaremos aqui de *parâmetro regional*. Em outras palavras, procuramos focalizar nossas análises sobre as dissertações e teses defendidas em programas de pós-graduação em educação no eixo sul/sudeste considerando, essencialmente dois fatores: o primeiro, por serem as regiões com o maior número de programas de pós-graduação em educação – juntas, as regiões respondem por cerca de 70% dos programas – e, o segundo, por ser regiões que estão mais ancoradas no pressuposto pós-estruturalista. Nesse sentido, considerando a batalha de paradigmas defendida por Kuhn (1970), queríamos entender qual(is) espaço(s) ainda são possível(is) para o materialismo cultural, apesar de sua inserção tímida na pesquisa educacional brasileira⁹.

Depois de definidos os parâmetros, obedecemos ao primeiro pressuposto da pesquisa de levantamento bibliográfico, de acordo com Lima e Miotto, que é sobre a importância da leitura do material:

No caso da pesquisa bibliográfica, a leitura apresenta-se como a principal técnica, pois é através dela que se pode identificar as informações e os dados contidos no material selecionado, bem como verificar as relações existentes entre eles de modo a analisar a sua consistência (LIMA; MIOTTO, 2007, p. 41).

Assim, iniciou-se a sucessiva leitura de todo o material. Salvador (apud LIMA; MIOTTO, 2007) nos orienta a esse respeito, ao dizer que devemos envolver alguns passos nesse processo de leitura. A partir dela, conseguimos chegar ao incipiente número de 5 (cinco) trabalhos – 2 (duas) dissertações e 3 (três) teses – defendidas em programas de pós-graduação em educação, nas regiões Sul e Sudeste e que utilizavam Raymond Williams para a análise dos dados. Mais especificamente, encontramos trabalhos no campo da História e da Filosofia da Educação, mas nenhum nos campos da Sociologia da Educação, Antropologia da Educação e da Psicologia da Educação.

Tal constatação nos colocou um primeiro questionamento: seria Raymond Williams um autor de baixa penetração na pesquisa educacional brasileira? Por quê? Movidos por tamanha inquietação, um segundo movimento que empreendemos – ainda que não seja o foco deste artigo – foi ampliar as investigações a partir dos descritores.

Para o corpus deste trabalho, resolvemos lançar os descritores Raymond Williams e somente Williams na base de dados – todos os descritores acompanhados do descritor educação – para construirmos, nem que fosse a título de informação para estudos posteriores, um quadro referente à presença do autor em outras áreas do conhecimento no interior do campo educacional.

Pelo fato de esse levantamento das áreas em que Williams aparece ser meramente, a nosso ver, ilustrativo, procuramos não aplicar o parâmetro regional, deixando a busca livre para todos os programas brasileiros da área da educação. Dessa forma, encontramos 17 (dezesete) trabalhos que envolviam o autor dentro da área educacional, considerando os seguintes campos disciplinares¹⁰. Dentro dessa área, foram encontrados trabalhos relacionados aos seguintes temas: 4 (quatro)

⁹ Quando falamos de inserção tímida, nos referimos especificamente às obras de Raymond Williams. Reconhecemos, entretanto, que autores marxistas como Antonio Gramsci e Edward Palmer Thompson, com fortes teorizações culturalistas, possuem maior aderência na realidade brasileira, fato que não será explorado neste artigo.

¹⁰ Essa indicação de campos disciplinares obedece aos dados das fichas catalográficas das dissertações e teses.

trabalhos relacionados ao Currículo; 2 (dois) relacionados à Formação de Professores; 1(um) relacionado ao Ensino de Ciências; 1 (um) relacionado à Educação Não-formal; 2 (dois) relacionados à Política Educacional; 2 (dois) relacionados à Gestão Escolar; 1 (um) relacionado ao Ensino da Leitura.

Com o propósito de agregar elementos iniciais sobre a presença do materialismo cultural de Raymond Williams, tentamos, também, empreender um levantamento utilizando os descritores principais sem o auxílio do descritor educação, pois queríamos entender em quais grandes áreas o autor se faz presente. Encontramos o seguinte quadro: 113 (cento e treze) trabalhos envolvendo o nome do autor, sendo 75 (setenta e cinco) dissertações e 38 (trinta e oito) teses defendidas em 30 (trinta) instituições. Esses trabalhos estavam espalhados em diversas áreas do conhecimento, tais como: Estudos Literários; Comunicação; Mídias; Políticas Públicas; Sociologia; entre outras. Esse é um dado bastante interessante, pois comprova que Williams é um autor que nos oferece diversas discussões que são capazes de embasar várias áreas de conhecimento, ainda que sua inserção no campo educacional seja incipiente.

Os dados acima permitem reafirmar as ponderações feitas por Araújo e Mota Neto (2012), quando afirmam que são poucos os grupos de pesquisa e também são escassos os estudos que se ancoram no materialismo cultural proposto por Raymond Williams. Nessa direção, cabe um alerta feito pela autora e pelo autor:

Tais indicadores reforçam, no campo da educação, a afirmativa de Cevasco de que Williams tem sido mesmo silenciado, apesar do ruído que os Estudos Culturais provocaram no geral. Em particular, consideramos, ainda, que tomar a obra de Williams como objeto de reflexão em suas diferentes interfaces com a pesquisa em educação contribui para dar visibilidade a uma importante matriz teórica – a interpretação materialista da cultura –, possibilitando-nos avançar na produção do conhecimento em torno da tríade educação, cultura e sociedade, curiosamente ofuscada pela generalidade dos Estudos Culturais (ARAÚJO; MOTA NETO, 2012, p. 133).

Além de os dados legitimarem a afirmação acima, percebe-se que, tal qual o faz Taborda de Oliveira, a obra de Williams, ainda que pouco estudada, pode contribuir para os diversos campos disciplinares no interior da área da educação que se debruçam sobre o fenômeno cultural. Para ele, o pensamento de Williams “impactou as reflexões tanto na chamada Nova Sociologia Crítica da Educação, como também a História da Educação, sobretudo na Sociologia e na História do Currículo” (TABORDA DE OLIVEIRA, 2014, p. 260).

Após emprendermos a essa leitura inicial dos trabalhos, o passo seguinte consistiu na leitura seletiva, dentro da qual delimitamos os estudos que realmente interessariam ao foco deste artigo. Aqui pensamos em duas possibilidades: a primeira: que seria a de escolhermos, dentro o número total de trabalhos, os que envolviam a educação escolar. Tivemos um total de 8 (oito) trabalhos que explicitamente estavam relacionados à educação escolar e 3 (três) que potencialmente estariam relacionados a esse tema; a segunda possibilidade seria a de delimitar a pesquisa por áreas de conhecimento mais próximas, a fim de verificar como o pensamento do autor pode contribuir na explicação de fenômenos educacionais e não somente escolares. Foi essa opção que nos impulsionou a analisar as áreas mais próximas aos fundamentos da educação. Nesse sentido, mesmo cientes do risco dos recortes – e, principalmente, porque não se trata, neste artigo, de uma pesquisa de estado

do conhecimento, que vise a produzir um balanço mais completo – optamos por empreender esse recorte disciplinar, analisando, portanto, os cinco trabalhos que encontramos: 4 (quatro) trabalhos relacionados à história da educação e 1 (um) trabalho relacionado à filosofia da educação.

A partir dessa escolha, passamos para o quarto passo, o qual consistiu na leitura reflexiva ou crítica, momento em que fizemos a leitura minuciosa dos textos na íntegra e tentamos entender o que está descrito neles acerca do pensamento de Raymond Williams. Aqui, procuramos identificar e ordenar os conceitos abordados por Williams nos trabalhos selecionados. Por último fizemos a leitura interpretativa. Neste momento buscamos relacionar as questões encontradas nos textos ao pensamento do autor, verificando como essas ideias vêm sendo tratadas nesses trabalhos e de que maneira poderiam contribuir para se pensar a educação brasileira.

Diante de todo esse processo, um primeiro aspecto que podemos afirmar é que não encontramos nenhum trabalho relacionado à sociologia da educação, psicologia da educação e antropologia da educação. Estes dados apresentam-se bastante relevantes, pois indicam uma escassez de trabalhos na área dos fundamentos da educação que estão ancorados em Raymond Williams. Chama-nos a atenção, por exemplo, o fato de que, mesmo tendo inúmeras produções sobre a Sociologia da Cultura – algo reconhecido por Taborde de Oliveira (2014) e Araújo e Mota Neto (2012) – Williams não aparece como autor base para os estudos em Sociologia da Educação. Por quê? Será que os estudos que procuram relacionar educação e cultura o fazem, quando se ancoram no materialismo histórico-dialético, a partir de Antonio Gramsci? Nesse sentido, caberiam estudos posteriores para tentar elucidar tal questionamento.

Ademais, mesmo assumindo a acepção antropológica da cultura como um modo de vida (WILLIAMS, 2015), são inexistentes os estudos sobre o viés antropológico que coadunem o pensamento do autor. Em verdade, o que se pode notar é que área de antropologia, de maneira geral, pouco tem se debruçado sobre o fenômeno educacional, em que pese sua forte presença em vários pressupostos teóricos, como, por exemplo, a compreensão da cultura como um modo de vida e que tem impactado sobremaneira os estudos acerca da cultura escolar. Cabe a estudos futuros, por exemplo, um aprofundamento na investigação das motivações para o distanciamento entre as áreas, fato este constatado pela inexistência de um GT Antropologia e Educação na ANPEd.

Essa escassez confirma, também, resultados de pesquisas anteriores, como, por exemplo, a de Araújo e Mota Neto realizada em 2012; de lá para cá, percebemos que não houve alteração nesse quadro. À época, foram encontrados no banco de teses e dissertações da Capes apenas 8 (oito) produções relacionadas à área da educação. Em outras fontes, os resultados descritos pelos autores também comprovam essa escassez: não existe nenhum grupo de pesquisa do CNPq pautado ou fundamentado na obra de Williams; no portal de periódicos da Capes, foram encontrados apenas 19 (dezenove) artigos relacionando o autor à educação. Contudo, a autora e o autor nos levam a pensar que nem sempre citar o autor deve ser entendido como afiliação teórica aos seus pressupostos, pois, parafraseando Cevalco, Williams é um autor muito citado, mas isso não significa, necessariamente, adesão aos seus pressupostos teórico-metodológicos, uma vez que muitas dessas citações restringem-se a localiza-lo como um dos fundadores dos Estudos Culturais.

Portanto,

reafirma-se a pesquisa bibliográfica como um procedimento metodológico importante na produção do conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em temas pouco explorados, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas (LIMA; MIOTO, 2007, p. 41).

Um segundo elemento que encontramos diz respeito aos níveis de formação do pesquisador em que os estudos foram produzidos. Nesse sentido, temos apenas duas dissertações de mestrado e três teses de doutorado. Apesar dos outros trabalhos da área educacional encontrados no IBICT não terem sido incorporados em nossa pesquisa por conta do recorte pela área do conhecimento, podemos intuir que mesmo se eles tivessem sido incluídos, ainda assim, seriam poucos trabalhos pautados nas obras de Williams.

Podemos inferir, também, que o baixo número de pesquisas pode ser uma decorrência de que sua formulação erigiu-se a partir da realidade britânica e, talvez, a configurações das formações culturais daquele país não permita alguns paralelos com a nossa realidade. Nesse sentido, aí estaria um desafio da pesquisa que se trata de descobrir quais seriam e como atuam as nossas formações culturais brasileiras e suas influências no campo educacional.

Um terceiro dado que encontramos é referente à instituição de origem e o ano em que os trabalhos foram publicados: temos um trabalho na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, em 2015; um trabalho na Universidade Estadual de Campinas, em 2015; e três trabalhos na Universidade Federal de Minas Gerais (1 em 2014; 1 em 2015; 1 em 2016).

Nesse aspecto, chama a atenção o fato de que, nos primeiros anos de nosso recorte temporal, nenhum trabalho foi encontrado. Levantamos a hipótese de que esse fato pode ser justificado porque somente recentemente aumentou-se o número de pesquisadores da educação que iniciaram seus estudos sobre as obras de Williams. Ademais, pode ser explicado, também, pelo fato de que, durante o século passado, somente duas obras estavam traduzidas e, nesta última década, muitos são os livros já disponíveis em Língua Portuguesa, o que facilita sensivelmente o acesso ao pensamento do autor.

Um quarto dado que nos chamou a atenção estava na busca pelas obras efetivamente citadas ao longo dos estudos selecionados. Encontramos o seguinte panorama: Williams, em somente dois estudos, é um autor citado e, efetivamente, trabalhado, ou seja, ele é retomado para a análise dos dados obtidos; nos outros três estudos, ele é somente citado sem que isso implique retomá-lo posteriormente.

Além disso, as obras citadas foram “Marxismo e Literatura”, “Base e superestrutura na teoria cultural marxista”, “Drama em cena”, “Cultura”, “La Larga Revolución”. Isso nos leva a perceber que, muitas obras recentemente publicadas pelo autor ainda não penetraram no campo educacional – fato que pode ser explicado, justamente, por serem recentes e os estudos não terem conseguido acessá-las em tempo hábil para a conclusão dos trabalhos. Isso, a nosso ver, demonstra a potencialidade e fecundidade de conceitos a ainda serem explorados na obra do autor para pensarmos o campo educacional, tais como estruturas de sentimento, consciência prática, cultura comum, entre outros.

Chama atenção a relação dos conceitos mais utilizados nos estudos selecionados. Aqui, considerando os imperativos deste texto, eles não serão discutidos, mas somente elencados, a fim de ofertar uma visão panorâmica da obra do autor. No que se refere a isso, são trazidos à tona conceitos

como cultura, ideologia, marxismo heterodoxo, hegemonia, contra-hegemonia, cultura dominante, tradição seletiva.

Algo que chama a atenção nesse panorama é que, em primeiro lugar, no livro *Marxismo e Literatura*, Raymond Williams sistematiza vários conceitos de seu materialismo cultural. Em que pese o necessário cuidado de não se fazer um transplante conceitual – de algo produzido a partir de outra realidade para a nossa de maneira rígida – é preciso se perguntar por que a principal obra de sistematização do autor só foi efetivamente trabalhada e citada em um estudo? Em segundo lugar, mas não menos importante, é pensar nas motivações que ainda nos levam a escolher e destacar conceitos e, por vezes, isolá-los de todo um corpo teórico. Como exemplo disso, os estudos que trabalham com a ideia de cultura dominante não elaboram suas discussões levando-se em consideração as ponderações do autor de que esse aspecto não pode ser pensado em a cultura residual e a cultura emergente.

O mesmo equívoco se pode apontar para o conceito de tradição seletiva, que não pode prescindir de uma análise das instituições formais de produção cultural. O que queremos chamar a atenção é que, para um corpo de pressupostos teórico-metodológico complexo, tal qual o materialismo cultural, precisamos tomar cuidado para não incorrerem em apropriações de conceitos que melhor se relacionam aos dados e descolá-los do suporte teórico que dá a sustentação.

Essa apropriação mais abrangente dos conceitos formulados pelo autor pode nos levar, por exemplo, a descobrir as especificidades do fenômeno cultural em nosso contexto e, como consequência, de estabelecermos uma relação crítica com o pensamento do autor, fazendo-o avançar em elementos conceituais e, também estabelecer diálogo crítico entre suas formulações e os elementos presentes em nossa realidade. Nessa direção, cabe o alerta de Cevasco (1996) ao defender que precisamos avançar na compreensão da realidade brasileira a partir dos pensadores brasileiros, a fim de que não incorramos numa mera transposição de ideias de um contexto para o outro. Porém, para que isso ocorra, é preciso avançar em apropriações mais profundas e não estacionarmos em usos pontuais da obra do autor.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo trazer as reflexões acerca do modo como o pensamento de Raymond Williams está sendo incorporado em pesquisas na área de Fundamentos da Educação. Utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica para respondermos à questão central do trabalho: de que forma o autor Raymond Williams se faz presente em pesquisas na área de Fundamentos da Educação?

Depois de levantados e analisados os dados, podemos inferir que, apesar do autor ser influência para diversas áreas do conhecimento (Comunicação Social, Estudos Literários, por exemplo), ainda existe uma escassez de trabalhos na área dos fundamentos da educação que estão ancorados em Raymond Williams. Existe, também, uma carência na utilização de suas obras dentro dos poucos trabalhos encontrados para análise. Neste sentido, o que se percebe é uma presença mais expressiva do autor nos estudos sobre Currículo e Educação Popular; porém, na área de Fundamentos da Educação, nota-se sua contribuição aos estudos e pesquisas em História da Educação, mas a sua

inexistência nos estudos em Sociologia da Educação, Psicologia da Educação e Antropologia da Educação.

Dentre os textos analisados, nos deparamos com trabalhos que somente citam o autor, utilizando-se apenas de alguma definição que lhes ajudassem com determinado assunto; trabalhos que fazem uma apropriação bastante superficial e utilizam alguns elementos do autor, mas não se aprofundam em seus pressupostos; e trabalhos, ainda que poucos, que conseguiram se aprofundar mais nas obras do autor, utilizando-se de diversos conceitos.

É importante frisar aqui que, nos estudos em História da Educação, são poucos aqueles que se ancoram no autor como sendo a principal baliza para as análises dos dados; o que notamos é que Raymond Williams tem presença que poderíamos chamar de “tópica”, ou seja, ele é utilizado a partir de conceitos muito específicos, sem que isso implique uma adesão mais profunda aos seus pressupostos teórico-metodológicos.

Por fim, é importante apontar que em nenhum dos trabalhos analisados nem sequer foi mencionado o materialismo cultural de Raymond Williams, teoria que serviu de base para todas suas reflexões acerca da cultura. Sobre tal questão, levantamos duas hipóteses: ou isso é decorrente da apropriação tópica que mencionamos acima e, portanto, não existe, ainda, uma adesão a esses pressupostos, ou pode se tratar de uma certa resistência ao termo materialismo, uma vez que este é eivado de críticas e preconceitos, que carregam as marcas de uma ortodoxia mecanicista que se furtou – e ainda se furta – a um debate mais complexa, reduzindo a vida social à esfera econômica.

Um trabalho de levantamento bibliográfico pode buscar apresentar algumas contribuições. Nesse sentido, indicamos, para estudos futuros e que queiram se ancorar no materialismo cultural de Williams, uma discussão sobre as contribuições e limites da educação e das práticas escolares para a construção de uma cultura comum. Também é possível apontar a necessária investigação, mais detalhada, acerca da configuração dos Estudos Culturais em território brasileiro, considerando, entre outros elementos, a própria consciência prática (WILLIAMS, 1979) dos sujeitos, ou seja, é preciso investigar como esse campo do conhecimento se estruturou e porque, tão rapidamente, houve o afastamento dos pressupostos da cultura como modo de produção da vida para adesão à cultura como texto (JOHNSON, 2010).

Não menos importante é procurar traçar, tal qual fez Escosteguy (2010), uma cartografia dos estudos culturais na pesquisa em educação. Ainda temos muito a desvendar acerca de quão complexa é essa relação entre cultura e educação escolar em nosso país e, conseqüentemente, em nosso sistema educacional. Para tanto, talvez pensar no alcance e nas contribuições de Raymond Williams para os estudos sobre políticas públicas educacionais possa ser um caminho interessante para entendermos melhor o nosso momento atual.

Ao concluir este texto, esperamos ter contribuído um pouco para o avanço das questões que se referem a Raymond Williams e sua presença, ainda que tímida, na pesquisa em fundamentos da educação. Entendemos, certamente, que os trabalhos aqui analisados podem não ter se aprofundado diretamente em Williams por conta de suas temáticas, que talvez necessitassem de outros aportes. Mesmo assim, acreditamos que os apontamentos de certas lacunas possam ser importantes para

novos estudos e para iniciarmos o debate sobre o potencial desse autor para compreendermos, por exemplo, as especificidades dos estudos culturais a partir da ótica de pensadores/as brasileiros/as.

Referências

- ARAÚJO, Sônia Maria da Silva; MOTA NETO, João Colares. Raymond Williams e a produção do conhecimento em educação. *Revista Educação & Linguagem*, v. 15, n. 26, p. 118-136, jul./dez. 2012.
- CEVASCO, Maria Elisa. Situando os "Cultural Studies". *Itinerários*, v. 9, n. 9, p. 43-52, 1996.
- _____. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Cartografias dos estudos culturais* – uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Disponível em: <<https://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/cartografias-dos-estudos-culturais-uma-versc3a3o-latino-americana.pdf>> Acesso em: 17 out. 2016.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz (Org.). *O que é, afinal, Estudos Culturais*. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 8-132.
- LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katál*, v. 10, p. 37-45, 2007.
- SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 31-64.
- TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurelio. Pensando a História da Educação com Raymond Williams. *Educação & Realidade*, v. 39, n. 1, p. 257-276, jan./mar. 2014.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- _____. *Cultura e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 2011a.
- _____. *A Política e as Letras*. São Paulo: Editora Unesp, 2011b.
- _____. *Palavras claves*. Un vocabulário de la cultura y la sociedad. Buenos Aires: Nueva Visión, 2013.
- _____. *Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

Recebido em: jul. 2017.

Aceito em: nov. 2017.

André Luiz Sena Mariano: Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Docente do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL/MG). E-mail: senamariano@gmail.com

Lucélia Carla da Silva dos Anjos: Mestre em Educação pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL/MG). Especialista em Educação/Orientação Educacional na rede Estadual de Minas Gerais. E-mail: lucaduanjos@gmail.com